

ATRAVÉS DOS UNIVERSOS COM A LINGUÍSTICA APLICADA
ACROSS THE UNIVERSES WITH THE APPLIED LINGUISTICS

Terezinha Fátima Martins Franco Brito
 Mestre em Letras
 Universidade do Grande Rio
 (tfmarfranbr@yahoo.com.br)

Antônio Fernando de Souza
 Bacharel em Direito
 Universidade Federal do Rio de Janeiro
 (bioantoniofernando@yahoo.com.br)

RESUMO: O objetivo deste artigo é demonstrar que a Linguística Aplicada, para realizar de fato o seu mister, não pode ficar emparedada nas Faculdades de Letras. Todas as Sociedades dependem da comunicação para existirem. Desse modo, o réu que não consegue expressar a sua inocência é condenado; a célula que não sinaliza pode levar o organismo ao óbito... Assim, o estudo do uso da linguagem em e de todas as áreas é imprescindível. Apresentando reconhecidas obras de biolinguística (CHOMSKY, [2006] 2009) e de sócio-historicidade (FOUCAULT, [1975] 2009), analisadas sob o instrumental teórico das pesquisas dos registros bakhtinianos (BRAIT, 2008; FIORIN, 2008), o presente trabalho irá demonstrar que as possibilidades acenadas aos que atuam no campo da Linguística Aplicada (MOITA LOPES, 2006) não são compatíveis com fatores limitantes, evidenciando o seu trânsito irrestrito por todas as linguagens.

Palavras-chave: Linguística Aplicada; Linguagens; Discurso

ABSTRACT: The aim of this paper is to demonstrate that Applied Linguistics, to actually make its job, can not be confined in the Faculties of Languages. All societies depend on communication to exist. So, the accused who is unable to express his/her innocence is convicted; the cell, which does not sign, can lead the body into death, ... Thus, the study of the language use in and of all areas is indispensable. Showing recognized works of biolinguistics (CHOMSKY, [2006] 2009) and socio-historicity (FOUCAULT, [1975] 2009), analyzed under the theoretical tools of Bakhtin's record research (BRAIT, 2008; FIORIN, 2008), this paper will show that the possibilities waved for those who act in the field of Applied Linguistics (MOITA LOPES, 2006), are not compatible with restrictive factors, evincing its unlimited traffic for all languages.

Keywords: Applied Linguistics; Languages; Discourse

Introdução

Este trabalho, através de um estudo interdisciplinar, pretende oferecer uma nova perspectiva para os estudos da linguagem. O que será exposto faz parte do nosso cotidiano desde sempre. Tudo o que se pede aqui é um olhar mais atento sobre o que sempre foi parte da nossa realidade, uma visão mais aberta, pressuposto essencial para toda atividade de pesquisa.

A consciência de que a realidade com que o linguista aplicado se defronta ao tentar resolver problemas da prática de uso da linguagem

é complexa e já bastante comum na área. Isso levou à compreensão da importância de se trabalhar interdisciplinarmente e, portanto, à necessidade de se deslocar a LA da dependência única da Linguística (MOITA LOPES, 1998, p. 112-113).

Vamos examinar aqui a origem da linguagem a partir de um ponto bem anterior ao que comumente vem sendo estudado, esclarecendo que a necessidade de comunicação surgiu muito antes do nascimento das nossas Sociedades, as Sociedades humanas, e até mesmo do ser humano. Enfim, pretende-se aqui comprovar que a Sociedade humana é um reflexo de uma outra Sociedade que não só a precede como é a origem de sua formação, que a linguagem e as línguas são partes desse reflexo. Estudiosos da área, como Bronckart, já vêm, há tempos, direcionando seus trabalhos para uma percepção de que o meio é de vital importância na formação da linguagem.

Se o homem é, evidentemente, um organismo vivo e se, como tal, algumas de suas propriedades comportamentais são condicionadas pela configuração do potencial genético e pelas condições de sobrevivência da espécie, essas condutas também revelam capacidades novas (em particular, capacidades de pensamento e de consciência), que foram construídas no curso da evolução, graças à liberação progressiva das restrições biológicas e comportamentais, e que continuam a contribuir para a autonomização da espécie em relação às “leis da Natureza”. A posição interacionista implica, portanto, a ideia de que é ilusório tentar interpretar as condutas humanas em sua especificidade, seja por referência direta às propriedades do substrato neurobiológico humano (direção tomada pelo cognitivismo e pelas neurociências), seja como resultado da acumulação de aprendizagens condicionadas pelas restrições de um meio preexistente (tese fundadora do behaviorismo). Levando a sério a **historicidade** do ser humano, a investigação interacionista se interessa, em primeiro lugar, pelas condições sob as quais, na espécie humana, se desenvolveram formas particulares de organização social, ao mesmo tempo que (ou sob o efeito de) formas de interação de caráter semiótico. A seguir, desenvolve uma análise aprofundada das características estruturais e funcionais dessas organizações sociais, assim como dessas formas de interação semiótica. Enfim, trata dos processos filogenéticos e ontogenéticos pelos quais essas propriedades sociosemióticas tornam-se objeto de uma apropriação e de uma interiorização pelos organismos humanos, transformando-os em pessoas, conscientes de sua identidade e capazes de colaborar com as outras na construção de uma racionalidade do universo que os envolve (BRONCKART, 2003, p. 21-22).

As hipóteses aqui investigadas serão: 1) A origem celular dos objetos de estudo da Linguística, “ciência que estuda a linguagem humana, a estrutura das línguas e sua origem, desenvolvimento e evolução (HOUAISS, [2001] 2004a, p.

458)”, aqui investigada sob a ótica da Linguística Aplicada e da Biologia Celular. 2) O potencial da Linguística Aplicada para ser o agente provocador da gênese de algo novo que supere paradigmas, que derrube os muros erguidos entre as diversas áreas, que seja transdisciplinar. “Como é possível pretender dar conta da relação entre linguagem e vida social sem teorizações que contemplem tal relação, que contemplem o conhecimento sociológico?” (MOITA LOPES, 2006, p. 98). Assim, pedimos, ainda, socorro ao professor Morin, arguto observador de nossos volteios sociais.

Intelectualmente, as disciplinas são plenamente justificáveis, desde que preservem um campo de visão que reconheça e conceba a existência das ligações e das solidariedades. E mais: só serão plenamente justificáveis se não ocultarem realidades globais. Por exemplo, a noção de homem está fragmentada entre diversas disciplinas das ciências biológicas e entre todas as disciplinas das ciências humanas: a física é estudada por um lado, o cérebro, por outro, e o organismo, por um terceiro, os genes, a cultura etc. Esses múltiplos aspectos de uma realidade humana complexa só podem adquirir sentido se, em vez de ignorarem esta realidade, forem religados a ela. Com certeza não é possível criar uma ciência do homem que anule por si só a complexa multiplicidade do que é humano. O importante é não esquecer que o homem existe e não é uma “pura” ilusão de humanistas pré-científicos (MORIN, [1999] 2008, p. 112 et 113).

Esperamos que, ao final do trabalho, tenhamos êxito em demonstrar a necessidade de uma abordagem interdisciplinar e até, com algum desprendimento de espírito, transdisciplinar para a realização de estudos que se pretendam uma explanação completa sobre a origem da linguagem. Com efeito, o pesquisador não pode mais se abrigar em sua zona de conforto quando percebe em outras áreas do saber um instrumental precioso para complementar os seus trabalhos. Assim, a Biologia Celular nos chega naturalmente aqui, respaldada pela Linguística Aplicada.

Por uma nova visão de sociedade

Tendo em mente que a Sociedade é um “agrupamento de seres que convivem em colaboração mútua (HOUAISS, [2001] 2004b, p. 687)”, podemos afirmar que cada um desses seres citados na definição de Sociedade é uma unidade social. Avançando mais nessa análise, recorrendo aos mais elementares conceitos científicos apreendidos em nossa formação escolar, é sabido que cada um desses seres é formado por células que “convivem em colaboração mútua”. Ora, então,

temos aqui unidades sociais formadas por células que convivem em colaboração mútua. Podemos, então, dizer que é o caso de Sociedades constituídas por sociedades? Há mesmo essa divisão entre um agrupamento de células e os outros? Defendemos aqui que essa divisão não passa de uma convenção. Quando falamos de Sociedade estamos mesmo falando de uma imensa e única Sociedade de células e que a diversidade de formas deve-se ao processo de adaptação celular ao meio.

Todas as coisas vivas são feitas de células: pequenas unidades limitadas por membranas preenchidas com uma solução aquosa concentrada de químicos e dotadas com uma capacidade extraordinária de criar cópias delas mesmas [...]. As células, portanto, são as principais unidades de vida, e é na Biologia Celular que devemos procurar por uma resposta para a questão de o que é vida e como ela funciona (ALBERTS, [2004]2006, p. 01).

A separação entre o denominado ser humano e a sua menor unidade de vida, a célula, é ilusória. Vejamos como a descrição dos mecanismos de comunicação da célula com o meio externo desvelam que, na realidade, os meios de comunicação humanos são uma projeção dos mecanismos celulares.

Em uma comunicação característica entre células, a célula sinalizadora produz um tipo particular de molécula-sinal que é detectada pela célula-alvo. As células-alvo possuem proteínas receptoras que reconhecem e respondem especificamente à molécula-sinal. A transdução de sinal começa quando a proteína receptora na célula-alvo recebe um sinal extracelular e o converte nos sinais intracelulares que alteram o comportamento celular (ALBERTS, [2004] 2006a, p. 534).

Note-se que, a comunicação entre as células, é perpetrada através de moléculas que levam a mensagem até o receptor instalado na célula para a qual é dirigida a mensagem e esta “entende” a mensagem assim que ela é convertida em padrões que possa entender. Vejamos agora o que ocorre quando “entendemos” um cheiro.

O nosso sistema olfativo funciona da seguinte maneira: existem, ao longo do epitélio da nossa cavidade nasal, células sensoriais que produzem proteínas capazes de interagir com moléculas de cheiro presentes no ar. Isso é que faz com que a gente sinta o cheiro das coisas! Estas proteínas são chamadas de receptoras de odor e as moléculas de cheiro, odorantes. A interação entre um odorante e um receptor de cheiro é bastante específica, ou seja, cada receptor é capaz de perceber com maior afinidade um determinado odorante. Pequenas alterações no receptor fazem com que ele perca esta afinidade pelo odorante (DA POIAN, 2008, p. 20).

Ora, também dependemos de células receptoras e moléculas para podermos reconhecer odores ou, melhor dizendo, receber mensagens. E, caso esses receptores apresentem algum tipo de problema, não conseguimos receber a mensagem. Esses receptores estão presentes em cada um dos nossos cinco sentidos que nos permitem estabelecer contato com o meio exterior e “ler” as mensagens que ele nos envia. A biolinguística, em sua gênese, parecia seguir por esse caminho em seus estudos.

Uma pergunta ainda mais básica do ponto de vista biológico é a de até que ponto se pode dar à linguagem uma explicação por princípios, se se podem encontrar ou não elementos homólogos, em outros domínios ou organismos. O esforço por tornar mais precisas essas perguntas e investigá-las quanto à linguagem veio nos últimos anos a se chamar “o programa minimalista”, mas as questões se colocam para qualquer sistema biológico e são independentes de convicção teórica, em linguística e em outros campos. Responder a essas perguntas não é fundamental apenas para se entender a natureza e o funcionamento dos organismos e de seus subsistemas, mas também para a investigação de seu crescimento e evolução (CHOMSKY, [2006] 2009, P. 311-312).

Infelizmente, os avanços nos estudos biolinguísticos vêm sendo tímidos para as grandes promessas de sua origem. Há muros e trincheiras guardando cada corrente de pensamento, impedindo quem ousa avançar. “Se quisermos saber sobre linguagem e vida social nos dias de hoje, precisamos ir além do campo da linguagem propriamente dito: ler sociologia, geografia, história, antropologia, psicologia cultural e social etc” (MOITA LOPES, 2006, p. 96). Ainda assim a evolução deve seguir o seu curso. Bem, tocamos no assunto “mensagens” e também falamos nos receptores dessas mensagens, o que é uma introdução clara ao tema deste trabalho. Enfim, não seria muita pretensão esperar que uma boa visão da origem da comunicação já tenha se formado, assim como da origem da necessidade vital que temos em nos comunicar. Sem comunicação, o sistema fica doente, vai perdendo a sua função.

Os receptores associados a enzimas também medeiam reconfigurações rápidas e diretas do citoesqueleto, controlando o modo como a célula se locomove e muda de forma. Os sinais extracelulares para essas alterações na arquitetura da célula são, frequentemente, proteínas não-difusíveis, aderidas à superfície sobre a qual a célula está se locomovendo. Desordens no crescimento celular, na proliferação, na diferenciação, na sobrevivência e na migração são fundamentais no caso de câncer, e as anormalidades na sinalização por meio de receptores associados

a enzimas têm um papel importante no desencadeamento dessa classe de doenças (ALBERTS, [2004] 2006b, p. 557).

O que foi demonstrado até aqui indica que a influência do meio determina as nossas reações já em termos celulares. Dessa forma, as células seriam o material moldado pelo meio para construir a diversidade. As culturas, as linguagens, as etnias e mesmo o que chamamos de “nosso corpo físico”, nada mais são do que respostas ao meio. A ideia dessa socioconstrução permeia os trabalhos de Linguística Aplicada, onde se pretende obter um perfeito entendimento sobre o uso da linguagem. “A interdisciplinaridade é, porém, em geral, ainda vivida de forma tímida na LA, embora ela seja um modo de produção de conhecimento que é cada vez mais prevalente nas ciências sociais e humanas” (MOITA LOPES, 2006, p. 97). Com isso, para entendermos uma mensagem, precisamos conhecer a sua origem, a sua construção.

Aspectos da Teoria da Estruturação de Giddens (1989) prestam-se à discussão sobre o papel de agentes sociais, e seus discursos, na manutenção e transformação da sociedade. Segundo essa teoria, a constituição da sociedade se dá de maneira bidirecional, ou seja, há uma dualidade da estrutura social que a torna o meio e o resultado de práticas sociais. Ações localizadas são responsáveis pela produção e reprodução ou transformação da organização social. Por isso, mantém-se a possibilidade tanto de intervir em maneiras cristalizadas de ação e interação quanto de reproduzi-las (RESENDE & RAMALHO, 2006a, p. 41).

É muito interessante perceber que a Sociedade em que vivemos é um reflexo da necessidade de interação das células e, ao mesmo tempo, esta mesma Sociedade reflete de volta nos construtos celulares, os seres vivos, todo um conjunto de fatores de transformação. Essa troca constante de interações torna o Universo em que vivemos muito fluídico, inconstante, moldável. As células que fogem do padrão de comportamento esperado e se recusam a receber as mensagens das demais, provocam doenças, colocam em risco todo o sistema, devem ser vigiadas e até punidas, daí o medo que provocam as pessoas que não seguem um padrão de comportamento, que não são disciplinadas. As relações de poder são reconhecidamente orgânicas, uma vez que são oriundas de fatores internalizados. “O poder disciplinar tem por correlato uma individualidade não só analítica e “celular”, mas também natural e “orgânica”” (FOUCAULT, [1975] 2009).

Da linguagem

Agora é o momento de sabermos como uma visão celular da Sociedade afeta os estudos da linguagem. Os mecanismos que chamamos de fala “resultam quase todos da ação de certos órgãos sobre a corrente de ar vinda dos pulmões (CUNHA, [1989] 2001, p. 23)”. Portanto, a fala é um produto de uma ação fisiológica. Já a dificuldade para emitir a fala é oriunda de alguma disfunção nesse processo fisiológico. Não podemos olvidar que mesmo os que conseguem emitir bem a fala nem sempre podem fazer chegar a sua mensagem ao receptor. Nesses casos é possível que ocorra um problema no sistema auditivo do receptor, ou até mesmo o fato deste não falar a mesma língua daquele que fala. Para resolver esses casos, por adaptação, desenvolvemos sistemas de comunicação por sinais diversos, como codificações (LIBRAS), movimentos corporais e gestos e até mesmo desenhos. Tudo isso é linguagem válida, “qualquer sistema de símbolos e sinais; código (HOUAISS, [2001] 2004c, p. 458)” e é objeto de estudos linguísticos. No campo de estudos que nos interessa aqui, precisamos verificar o uso desse recurso adaptativo, analisando-o criticamente.

[...] a Análise de Discurso Crítica é uma prática teórica crítica porque se baseia na premissa de que situações opressoras podem mudar, ou melhor, podem ser mudadas, visto que são criações sociais e, como tal, são passíveis de serem transformadas socialmente (RESENDE & RAMALHO, 2006b, p. 150).

Haveria alguma diferença na análise de um discurso quando este é visto como projeção da necessidade de comunicação das células? Ou seja, há diferenças entre a análise do discurso de um ser humano e a análise do discurso de uma célula que se comunica com outra? Bem, vejamos um “discurso celular”:

Esse sistema de propagação intracelular e os alvos intracelulares sobre os quais ele atua variam de um tipo celular especializado para outro, de modo que células diferentes respondem de modo diferente ao mesmo tipo de sinal. Por exemplo, quando a célula muscular cardíaca é exposta ao neurotransmissor acetilcolina, a frequência e a força das contrações diminuem, mas quando uma glândula salivar é exposta ao mesmo sinal, ela secreta componentes da saliva (ALBERTS, [2004] 2006c, p. 536).

Em uma primeira leitura notamos logo que a mesma mensagem (o neurotransmissor acetilcolina) provoca diferentes reações em diferentes células-

alvo. Ora, a produção de efeitos diversos por um mesmo discurso dirigido a diferentes pessoas não é nada incomum e é alvo de muitos estudos. Desse modo, por mais complexas que possam parecer as relações em nossa Sociedade, elas continuam a projetar as relações de comunicação em nível celular. Vejamos, agora, em nível humano, um estudo que revela como um mesmo discurso pode ter um entendimento variado de acordo com o receptor.

No que diz respeito especificamente à ironia, Freud leva em conta não só o locutor e o processo instaurador da ironia, mas também o ouvinte, visualizando o conjunto a partir de uma perspectiva que envolve principalmente, mas não exclusivamente, aspectos produzidos pelo inconsciente. Para delinear uma definição do discurso irônico, procura demonstrar que o ironista diz o contrário do que quer sugerir, mas insere na mensagem um sinal que, de certa forma, previne o interlocutor de suas intenções. Sugere, também, que o receptor da mensagem não só está pronto para decodificar o contrário do que é dito como extrai seu prazer justamente do fato de a ironia lhe inspirar um esforço de contradição, de cuja inutilidade ele logo se dá conta (BRAIT, [1996] 2008, p. 55).

O que temos aqui comprovado é que a comunicação ocorre, em qualquer esfera, através do envio de sinais entre transmissor e receptor. Quando o sinal consegue fluir, sem problemas, do transmissor ao receptor ocorre a comunicação. E é nesse sinal que está contido todo um discurso que afeta e é afetado pelo meio. E nesse meio, cabe ressaltar, estão incluídos o agente transmissor e o agente receptor. A comunicação ótima só pode ser atingida com o mais profundo conhecimento do discurso e do meio.

Os gêneros são meios de apreender a realidade. Novos modos de ver e de conceptualizar a realidade implicam o aparecimento de novos gêneros e a alteração dos já existentes. Ao mesmo tempo, novos gêneros ocasionam novas maneiras de ver a realidade. A aprendizagem dos modos sociais de fazer leva, concomitantemente, ao aprendizado dos modos sociais de dizer, os gêneros. Mesmo que alguém domine bem uma língua, sentirá dificuldade de participar de determinada esfera de comunicação se não tiver controle do(s) gênero(s) que ela requer. É por isso que há pessoas que conversam brilhantemente, mas são incapazes de participar de um debate público ou de discursar para uma grande platéia. A falta de domínio do gênero é a falta de vivência de determinadas atividades de certa esfera. Fala-se e escreve-se sempre por gêneros e, portanto, aprender a falar e a escrever é, antes de mais nada, aprender gêneros (FIORIN, [2006] 2008, p. 69).

Dessa forma, a linguagem é a forma que temos de comunicar a nossa realidade, de nos comunicar-mos com a nossa realidade e a de outros e até mesmo

modificar essas realidades. Tudo isso requer um perfeito domínio da linguagem, até porque não há como esquecer que a linguagem também é uma forma de dominação e de perpetuação desse domínio. Assim, mesmo na linguagem, há os dominadores e os dominados. Por isso, resta imensamente revelador o valor do estudo das aplicações da linguagem, dos seus veículos.

Embora a chamada natureza interdisciplinar da Linguística Aplicada (LA) não tenha ainda sido suficientemente entendida e praticada, já se coloca para esta área de investigação um outro modo de produzir conhecimento, de cunho transdisciplinar, que começa a ser cada vez mais apresentado na literatura como envolvendo um tipo de pesquisa comum tanto nas ciências naturais quanto nas ciências sociais e humanas (MOITA LOPES, 1998, p. 101).

Desse modo, resguardando a origem celular das linguagens, podemos nos aprofundar em seus estudos sob uma perspectiva que nos permita entender a real motivação que temos para a prática da comunicação e o quanto é vital, organicamente vital, que essa comunicação ocorra com perfeição, livre de ruídos que venham a prejudicar toda a Sociedade.

Considerações de final de texto

Sem a pretensão de ter esgotado todas as possibilidades do estudo apresentado, este trabalho, que une informações do campo da Biologia Celular com os do campo da Linguística Aplicada, tem como escopo sugerir uma visão mais ampla da linguagem e seus veículos, oferecendo uma nova perspectiva para o trabalho com a linguística. A Sociedade, vista como uma formação de células, tem na comunicação a razão de sua sobrevivência e a consciência desse fato nos permite pesquisar a linguagem em patamares menos limitados, transdisciplinares.

Há cada vez mais uma preocupação da sociedade com os benefícios sociais dos investimentos da pesquisa em várias áreas (por exemplo, o espaço dedicado à ciência é cada vez maior na imprensa). A inclusão em grupos de pesquisa de participantes de especialidades variadas (cientistas sociais, advogados, engenheiros etc.) e atores sociais do contexto de aplicação, que possam ajudar a compreender a questão sendo estudada, possibilita retorno mais imediato da pesquisa para a prática social. Estes participantes se envolvem em todos os momentos da pesquisa: definição do problema, interpretação dos dados etc. Isto quer dizer que o impacto da pesquisa sobre o social está presente desde o início e torna os participantes mais reflexivos sobre os processos a que estão submetidos no contexto de aplicação. As soluções, portanto, têm que responder aos anseios dos participantes e não ser simplesmente

colocadas em termos científicos ou técnicos. Essa característica aumenta a possibilidade de distribuição social do conhecimento. Assim, a reflexão na qual se envolvem os vários participantes aprofunda a responsabilidade social da pesquisa influenciando desde aquilo que vale a pena ser estudado até a própria estrutura da investigação (cf. Gibbons et al. 1995, p.70. De certa forma, o envolvimento em reflexão é mais importante do que a própria solução do problema que está sendo estudado (MOITA LOPES, 1998, p. 108).

Com a inclusão das informações oriundas das ciências biológicas em um estudo linguístico fica comprovado que os estudos nessa área não podem ficar restritos aos muros das faculdades de Letras. “Está claro que a transdisciplinaridade é um modo de investigação que envolve uma forma de produção de conhecimento que corta várias disciplinas” (MOITA LOPES, 1998, p. 109). Como podemos pretender a realização de um trabalho que visa entender os discursos que permeiam as realidades em que vivemos se não ousamos avançar sobre todas as disciplinas? Que venham sim estudos sobre os discursos da Física, da Matemática e todos os demais. Estudos que possam unir todos os campos do conhecimento.

Uma das sugestões que vêm ganhando peso entre teóricos, políticos, urbanistas e ecólogos preocupados com a questão urbana é a transformação da megalópole em cidade policêntrica. A exemplo da divisão de células-tronco em novas células, a cidade policêntrica cria centros urbanos menores e cada vez mais autônomos, capazes de recuperar os valores das cidades e metrópoles (ainda sustentáveis), em que novas formas de exercício de cidadania e solidariedade tenham espaço. Muito desses pensadores insinuam que, sem essas conquistas, a sustentabilidade, a democracia e os direitos humanos estariam em risco (FREITAG, 2006, p. 177).

Vivemos realidades discursivas em permanente transformação. Devemos ler os discursos das células e os discursos provocados pelas células. Devemos ler os discursos das grandes construções, os discursos das cidades. Devemos dominar para não sermos dominados. A evolução é uma constante adaptação. A via natural é a que grita para que a sigamos. A sociedade em que vivemos deve se harmonizar com a sociedade celular que somos. É de nossa natureza nos comunicarmos para podermos realizar todas as nossas funções, já em nível celular. Portanto, os estudos das linguagens só irão atingir a sua finalidade quando, e apenas quando, conseguirem partir do ponto da célula.

Referências

ALBERTS, B. et al. **Fundamentos da biologia celular**. Tradução de Ana Leonor Chies Santiago-Santos et al. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BRAIT, B. **Ironia em perspectiva polifônica**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.

BRONCKART, J-P. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**; trad. Anna Rachel Machado, Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 2003.

CHOMSKY, N. **Linguagem e mente**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. 3. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CUNHA, C. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DA POIAN, A. **Bioquímica1**, v. 2. 4. ed. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2008.

FIORIN, J L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhte. 36. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FREITAG, B. **Teorias da cidade**. 3. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

HOUAISS, A; VILLAR, M de S. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

MOITA LOPES, L. P. da. A transdisciplinaridade é possível em linguística aplicada? In: SIGNORINI, Inês (org.). **Linguística aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

____ Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: ____ **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução de Eloá Jacobina. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

RESENDE, V. de M.; RAMALHO, V. **Análise do discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.